

## PREFÁCIO À EDIÇÃO DE 2005

Parece que passou muito tempo desde que escrevi os artigos de revista que se transformaram em *O conhecimento de Deus*. Suponho que, em termos do tempo de uma vida normal, seja isso mesmo. O livro surgiu há mais de trinta anos e os artigos começaram a fluir uma década antes disso. A Grã-Bretanha era diferente naquele tempo: os trens a vapor ainda eram vistos em algumas linhas principais, todas as bicicletas tinham para-lamas e sinos, um aparelho de tevê ainda era um item de luxo, os computadores eram desconhecidos do público em geral, e o mesmo era verdade em relação ao Islã. Eu, também, era diferente: um jovem inglês evangélico, em pleno auge do vigor e querendo mudar as coisas; pensava ser realista esperar que, durante a minha vida, Deus trouxesse em massa cristãos e igrejas de volta para si por meio de um retorno à Bíblia e ao evangelho. O trajeto, entretanto, tem sido mais longo do que eu esperava, e, desde então, muito terreno foi ganho, assim como perdido. Minha certeza, hoje, é a de que Deus continua sendo o mesmo, apesar do mundo não o ser.

Quando me pediram para escrever esta série de artigos para um leitor imaginário que estava impaciente com a religiosidade, mas que queria conhecer a Deus, o projeto produziu faíscas em minha mente. Os artigos rapidamente encontraram sua forma, e eu me perguntava em cada fase: “Qual será a próxima coisa a dizer ao meu leitor imaginário?” E assim novamente, e daí por diante, sempre demonstrando ser um ministério significativo desde o seu início. A princípio, eu não imaginava que esta série de textos pudesse ser um livro em construção, e o primeiro editor a ouvir falar disso ignorou completamente a ideia; mas, para minha surpresa, ele se tornou um livro de apoio ao mundo cristão, um recurso para círculos devocionais e evangelísticos e classes para novos membros da igreja e um meio de bênção para todos os tipos de pessoa, cujo perfil era completamente diferente daquele do meu leitor padrão. Eu tenho um arquivo espesso repleto de cartas de agradecimento, a que dou muito valor. A Deus seja a glória.

*O conhecimento de Deus* não ficou sem críticas. O que me pareceu serem as duas críticas mais pesadas, ambas vindas dos apoiadores do projeto original, é que não há nenhum capítulo sobre a santidade de Deus, o atributo acima de todos os atributos divinos, como tem sido chamado, e que, depois de suas

páginas sobre a Trindade, ele continua como “se nada tivesse acontecido” (aspas minhas) – a implicação é que a Trindade divina permanece marginal, em vez de se tornar central em tudo o que se segue. Com todo o respeito, acho que ambas as críticas erram, ao colocar sua atenção em palavras em vez de no conteúdo. Deixe-me explicar.

A autocitação, eu sei, é classificada como um vício, mas, em relação à santidade de Deus, eu não posso oferecer nada melhor do que citar o que escrevi sobre isso no meu livro *God’s Words*:

Quando Deus é chamado de “santo”, o pensamento transmitido é o de divindade, mais particularmente das qualidades da divindade que marcam a infinita superioridade do Trino Jeová sobre a humanidade em relação tanto aos poderes quanto às perfeições. A palavra aponta para Deus como estando acima e além dos homens, um tipo diferente de ser em um plano superior de existência. Ela coloca a atenção em tudo aquilo em Deus que o torna objeto próprio de admiração, adoração e temor reverente e que serve para lembrar às suas criaturas humanas como elas são imperfeitas. Assim, ela denota, em primeiro lugar, a grandeza e o poder infinitos de Deus em contraste com a pequenez e fragilidade de nós, homens e mulheres; em segundo lugar, ela denota sua determinação de manter seu próprio governo justo por mais que possa ser resistido e encontre oposição – uma resolução que deixa certo que todo pecado acabará por receber a sua devida recompensa.

Eu creio que possa, honestamente, dizer que todos estes aspectos do ser de Deus e seus caminhos são totalmente apresentados capítulo após capítulo em *O conhecimento de Deus*, mesmo que não haja nenhum capítulo específico sobre a santidade de Deus.

No que diz respeito à Trindade, não sei o que meu crítico pensou que eu deveria ter feito após explicar que Deus é tanto *eles* quanto *ele*, e que nunca se deve pensar no singular sem o plural, nem vice-versa, a fim de se evitar cair no unitarismo ou no triteísmo. O que eu faço, na prática, é passar o restante do livro mostrando como os três operam como uma equipe ou trio com um único objetivo, ou seja, nossa salvação e o aperfeiçoamento da igreja, e esta maneira de fazê-lo me parece ser a melhor e mais bíblica.

Eu aprendi, tarde na vida, a palavra certa para descrever o que estou disposto a fazer em *O conhecimento de Deus*. Essa palavra é catequizar; eu sou um catequista de adultos. O trabalho do catequista consiste em enunciar as verdades e a resposta a elas, o que se constitui na identidade de um cristão,

para serem aplicadas diretamente sobre a vida das pessoas na qualidade de evangelistas, pastores, conselheiros, mestres e motivadores, de acordo com o peso da verdade sobre elas. Assim como um dos personagens de Molière exultou por descobrir que esteve falando em prosa durante toda a sua vida, do mesmo modo me alegro ao descobrir que tenho sido um catequista toda a minha vida, embora eu mal soubesse disso até recentemente. *O conhecimento de Deus* é um catecismo – talvez mais que isso.

A antiga fórmula para o lançamento de um navio era quebrar uma garrafa de champanhe na proa e dizer: “Que Deus abençoe este navio e todos os que navegam nele”. Assim, agora, eu digo: “Que Deus abençoe esta reedição de *O conhecimento de Deus*, e todos aqueles em cujas mãos o livro chegar”.

J. I. P.  
Regent College, Vancouver  
Janeiro, 2005



## PREFÁCIO

Do mesmo modo que artistas anseiam por interpretar Hamlet, eu queria escrever um tratado sobre Deus. Este livro, no entanto, não é isso. Seu tamanho pode sugerir que esteja tentando ser, mas toda pessoa que o considerar desta maneira irá se decepcionar. É, na melhor das hipóteses, um colar de contas: uma série de pequenos estudos sobre grandes temas, a maioria dos quais apareceu pela primeira vez na *Evangelical Magazine*. Eles foram concebidos como mensagens separadas, mas são, agora, apresentados juntos, porque parecem se fundir em uma única mensagem a respeito de Deus e da nossa vida. É o seu propósito prático que explica tanto a seleção quanto a omissão de temas e a forma de tratamento.

Em *A Preface to Christian Theology*, John Mackay ilustrou dois tipos de interesse em assuntos cristãos ao retratar pessoas sentadas numa varanda alta na frente de uma casa espanhola, observando os viajantes passando na estrada abaixo. As pessoas da varanda podem ouvir a conversa dos viajantes e falar com eles; eles podem fazer comentários críticos sobre a forma como os viajantes caminham ou podem discutir questões sobre a estrada, sobre como, por exemplo, ela pode simplesmente existir ou levar a qualquer lugar, o que pode ser visto a partir de diferentes pontos ao longo dela, e assim por diante; mas eles são apenas observadores, e seus problemas são teóricos. Os viajantes, em contraste, enfrentam problemas que, embora tenham seu ângulo teórico, são essencialmente práticos – problemas do tipo “que caminho tomar” e “como chegar lá”, problemas que exigem não apenas compreensão, mas decisão e ação também. Observadores da varanda e viajantes podem pensar sobre a mesma coisa, mas seus problemas são diferentes. Assim (por exemplo), em relação ao mal, o problema do observador é encontrar uma explicação teórica de como o mal pode existir diante da soberania e da bondade de Deus, mas o problema do viajante é como dominar o mal e transformá-lo em bem. Ou, novamente, em relação ao *pecado*, o observador pergunta se é realmente possível crer na pecaminosidade humana e na perversidade pessoal, enquanto o viajante, conhecendo o pecado por dentro, pergunta que esperança existe de libertação. Ou tome-se o problema da divindade: enquanto o observador está perguntando como um Deus pode concebivelmente ser três, que tipo de unidade três poderiam ter e como três que somam um podem ser pessoas, o

viajante quer saber como mostrar a honra, o amor e a confiança devidos às três pessoas que estão juntas, agindo para trazê-lo para fora do pecado para a glória. E assim poderíamos continuar. Este é um livro para viajantes que lida com perguntas de viajantes.

A convicção por trás do livro é que a ignorância de Deus – ignorância tanto sobre seus caminhos quanto sobre a prática da comunhão com ele – está na raiz de grande parte da fraqueza da igreja hoje. Duas infelizes tendências parecem ter produzido este estado de coisas.

A primeira tendência é que *as mentes cristãs têm sido conformadas com o espírito moderno*, ou seja, aquilo que gera grandes pensamentos acerca do homem e deixa espaço para apenas pequenos pensamentos sobre Deus. A maneira moderna de se lidar com Deus é colocá-lo a distância, se não negá-lo por completo, e a ironia é que os cristãos modernos, preocupados em manter práticas religiosas em um mundo sem religião, têm permitido que Deus se torne distante. Pessoas lúcidas, ao verem isto, são tentadas a se retirar das igrejas, sentindo algo parecido com desgosto, para, então, prosseguir em uma busca de Deus por conta própria. Não se pode culpá-las totalmente, pois os pastores que olham para Deus pelo lado errado do telescópio, por assim dizer, reduzindo-o às proporções de um pigmeu, não podem esperar ter nada além de cristãos pigmeus, e as pessoas lúcidas, naturalmente, querem algo melhor que isso. Além disso, pensamentos sobre morte, eternidade, juízo, a grandeza da alma e as consequências permanentes das decisões temporais estão todos “fora da agenda” para os modernos; e é um fato triste que a igreja cristã, em vez de levantar a voz para lembrar ao mundo o que está sendo esquecido, criou o hábito de menosprezar estes temas exatamente da mesma maneira. Mas estas capitulações ao espírito moderno são realmente suicidas, no que diz respeito à vida cristã.

A segunda tendência é que *as mentes cristãs têm sido confundidas pelo ceticismo moderno*. Por mais de três séculos, o fermento naturalista da perspectiva do Renascimento tem agido como um câncer sobre o pensamento ocidental. Arminianos e deístas do século 17, assim como os socinianos do século 16, chegaram a negar, contrariamente à teologia da Reforma, que o controle de Deus sobre o seu mundo fosse direto ou completo, e a teologia, a filosofia e a ciência têm estado combinadas, desde então, e em grande parte, para manter essa negação. Como resultado, a Bíblia tem estado sob fogo pesado, bem como muitos marcos históricos do Cristianismo, juntamente com ela. Os fatos básicos da fé são postos em dúvida. Será que Deus encontrou Israel no Sinai? Era Jesus mais do que um homem muito espiritual? Será que os milagres dos evangelhos realmente aconteceram? Não seria o Jesus dos evangelhos, em grande parte, uma figura imaginária? – E assim por diante. E isso não é tudo. O ceticismo tanto sobre a revelação divina quanto sobre as

origens cristãs tem gerado um ceticismo mais amplo, que abandona toda ideia de uma unidade da verdade, e, com ela, toda a esperança do conhecimento humano unificado, de modo que agora é comumente assumido que meus anseios religiosos não têm nada a ver com o meu conhecimento científico das coisas externas a mim mesmo, já que Deus não está “lá fora”, no mundo, mas apenas “aqui embaixo”, na psique. A incerteza e a confusão a respeito de Deus que marcam os nossos dias são piores do que qualquer coisa desde a teosofia gnóstica, que tentou engolir o Cristianismo no século 2º.

É frequentemente dito hoje que a teologia está mais forte do que nunca, e, em termos de experiência acadêmica e da quantidade e qualidade de livros publicados, isto é, provavelmente, verdade; mas já faz tempo que a teologia tem sido fraca e desajeitada em sua tarefa básica de manter a igreja voltada para as realidades do evangelho. Cento e trinta anos atrás, C. H. Spurgeon descreveu as dificuldades que ele viu entre os batistas acerca da Escritura, e temas como expiação e o destino humano estavam descendo a ladeira; se ele pudesse examinar o pensamento protestante a respeito de Deus nos dias atuais, acho que elealaria do “mergulho em queda livre”.

“Assim diz o SENHOR: Ponde-vos à margem no caminho e vede, perguntai pelas veredas antigas, qual é o bom caminho; andai por ele e achareis descanso para a vossa alma” (Jr 6. 16). Este é o convite que este livro apresenta. Não é uma crítica acerca dos novos caminhos, a não ser indiretamente, mas, em vez disso, é uma reconvocação aos velhos caminhos, sobre o fundamento de que o “bom caminho” ainda é aquele que costumava ser. Eu não peço aos meus leitores que suponham que eu saiba muito bem o que estou falando. “Aqueles como eu”, escreveu C. S. Lewis, “cuja imaginação excede em muito a sua obediência, estão sujeitos a uma pena justa; imaginamos facilmente condições muito mais elevadas do que qualquer outra que tenhamos alcançado. Se descrevermos o que temos imaginado, podemos fazer com que outros, e nós mesmos, acreditemos que realmente estivemos lá – e assim enganar tanto a eles quanto a nós mesmos” (*The Four Loves*, Fontana ed., p. 128). Todos os leitores e escritores da literatura devocional fazem bem em pesar as palavras de Lewis. “Eu cri; por isso, é que falei. Também nós cremos; por isso, também falamos” (2Co 4.13) – e se o que está escrito aqui ajudar alguém do modo como as meditações por detrás da escrita me ajudaram, o trabalho terá sido abundantemente válido.

J. I. P.  
Trinity College, Bristol  
Julho, 1972